



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Deuzete da Assunção Tosta de Braga
José Teixeira Neto



**O CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A
ANEMIA FALCIFORME UM OLHAR PARA
AS ESCOLAS DE ITABERABA-BAHIA**

Deuzete da Assunção Tosta de Braga
José Teixeira Neto

O CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A ANEMIA FALCIFORME: UM OLHAR PARA AS
ESCOLAS DE ITABERABA-BAHIA

1ª ed.

Piracanjuba-GO
Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Braga, Deuzete da Assunção Tosta de
B813O O CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A ANEMIA FALCIFORME: UM OLHAR
PARA AS ESCOLAS DE ITABERABA-BAHIA

/ Deuzete da Assunção Tosta de Braga. José Teixeira Neto. – Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2024

51 f.: il

DOI: 10.37423/2024.edcl883

ISBN: 978-65-5367-444-8

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. doença-falciforme 2. professores 3. anemia-falciforme I. Braga, Deuzete da Assunção Tosta de II. Teixeira Neto, José III. Título

CDU: 370

<https://doi.org/10.37423/2024.edcl883>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

MSc Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior

MSc Humberto Costa

MSc Thays Merçon

MSc Adalberto Zorzo

MSc Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

PHD Willian Douglas Guilherme

MSc Andrea Carla Agnes e Silva Pinto

MSc Walmir Fernandes Pereira

MSc Edisio Alves de Aguiar Junior

MSc Rodrigo Sanchotene Silva

MSc Wesley Pacheco Calixto

MSc Adriano Pereira da Silva

MSc Frederico Celestino Barbosa

MSc Guilherme Fernando Ribeiro

MSc. Plínio Ferreira Pires

MSc Fabricio Vieira Cavalcante

PHD Marcus Fernando da Silva Praxedes

MSc Simone Buchignani Maigret

Dr. Adilson Tadeu Basquerote

Dra. Thays Zigante Furlan

MSc Camila Concato

PHD Miguel Adriano Inácio

MSc Anelisa Mota Gregoleti

PHD Jesus Rodrigues Lemos

MSc Gabriela Cristina Borborema Bozzo

MSc Karine Moreira Gomes Sales

Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

MSc Pedro Panhoca da Silva

MSc Helton Rangel Coutinho Junior

MSc Carlos Augusto Zilli

MSc Euvaldo de Sousa Costa Junior

Dra. Suely Lopes de Azevedo

MSc Francisco Odecio Sales

MSc Ezequiel Martins Ferreira

MSc Eliane Avelina de Azevedo Sampaio

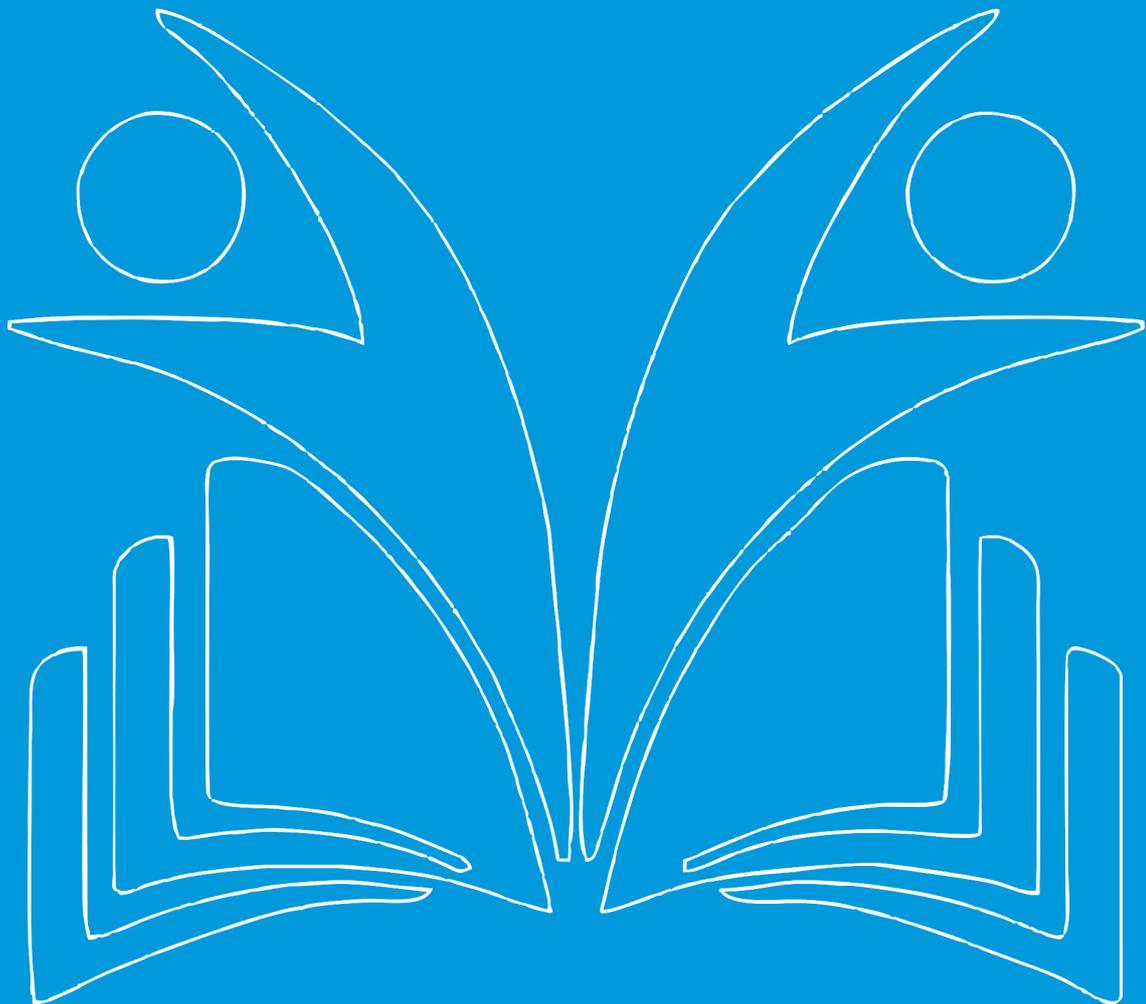
Editora Conhecimento Livre

Piracanjuba-GO

2023



10.37423/2024.edcl883



Resumo: A Anemia Falciforme (AF) é uma doença hereditária monogênica muito comum no Brasil. Sua causa é uma mutação no gene da globina beta da hemoglobina, originando uma hemoglobina anormal, denominada hemoglobina S (HbS), que substitui a hemoglobina A (HbA) nos indivíduos afetados. A região nordeste tem a maior incidência da doença, sendo a Bahia o estado com o maior percentual de indivíduos afetados. Este estudo busca responder o que professores de escolas do município de Itaberaba sabem sobre a doença e quais as ações pedagógicas realizadas pelos mesmos, para os alunos com a doença citada acima. Para tanto, devido à situação de pandemia que o mundo enfrenta, foi distribuído um questionário on-line, pelo Google docs, por intermédio dos diretores de 05 (cinco) escolas do município de Itaberaba. Contou-se com a participação de 12 professores que responderam ao questionário, sendo 07 do Ensino Fundamental II e 05 da Educação Infantil. 91,67% dos professores afirmaram nunca ter participado de um curso ou atividade, na formação inicial ou continuada com a temática AF. Em relação à doença, 66,67% afirmou ter conhecimento sobre as manifestações clínicas e sabem que não existe cura, no entanto, dos que já tiveram alunos em sua turma com AF, para a maioria, prevalece a falta de acesso ao diagnóstico. Nessa mesma direção, grande parte dos pesquisados desconhece o material da ANVISA que oferece subsídio ao professor sobre a AF. Ao final desse estudo, considerou-se de extrema relevância a formação continuada, para que os professores aprimorem o conhecimento, bem como a sua autonomia, e assim, tornem-se aptos a atender as necessidades específicas dos educandos que convivem com a anemia falciforme.

Palavras-chave: Doença Falciforme; Professores; Anemia Falciforme.

Dedicamos esse trabalho a todas as pessoas e familiares que vivem com a Anemia Falciforme e lutam por melhores condições de vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecemos a Deus por ter nos guiado nessa jornada.

A UNEB Campus XIII, seu corpo docente, direção, administração e demais funcionários que nos oportunizaram a vivência a novos horizontes e a confiança aqui presente.

A nossa orientadora Prof.^a Dr.^a Edinalma Rosa Oliveira Bastos, pela paciência, atenção, compreensão e pela oportunidade de aprendizagem e incentivo constante na realização desse estudo.

A nossa família, que sempre nos estimulou a favor do nosso crescimento.

Nossos amigos da universidade, pela cooperação e palavras de estímulo.

Enfim, a todos que passaram pela nossa vida e que direta ou indiretamente contribuíram para o nosso crescimento pessoal e profissional. Os nossos sinceros agradecimentos!

O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.

Salmos 30:5 (Bíblia Sagrada)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Incidência de nascidos vivos diagnosticados com doença falciforme em alguns estados.....	16
Quadro 2 - Incidência de nascidos vivos diagnosticados com traço falciforme em alguns estados.....	17

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos professores.....	23
Tabela 2 - Faixa Etária	24
Tabela 3 - Tempo de atuação como educador	24
Tabela 4 - Formação acadêmica	25
Tabela 5 - Pós-Graduação e Área	25
Tabela 6 - Rede que trabalham	26
Tabela 7 - Segmentos que lecionam	26
Tabela 8 - Acesso ao diagnóstico	28
Tabela 9 - Crença do professor em relação à cura.	29
Tabela 10 - Formação do professor e o tratamento dado ao aluno com AF	29
Tabela 11 - Avaliação do material da ANVISA.	30
Tabela 12 - Ações pedagógicas no retorno pós crises	31
Tabela 13 - Ação efetiva para atenuar o distanciamento entre colegas com e sem AF.	32
Tabela 14 - Absenteísmo e as repercussões no rendimento escolar	33
Tabela 15 - Ações pedagógicas em caso de bullying aos alunos com AF	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABADFAL	Associação Baiana de Pessoas com Doença Falciforme
AF	Anemia Falciforme
ANVISA	Agencia Nacional de Vigilância Sanitária
AS	Traço falciforme
DC	Doença Crônica
DF	Doença Falciforme
ERE	Ensino Remoto Emergencial
Hb	Hemoglobina
HbA	Hemoglobina Normal
HbAS	Hemoglobina com um alelo S
HbC	Hemoglobina C
HbD	Hemoglobina D
HbE	Hemoglobina E
HbF	Hemoglobina Fetal
HbS	Hemoglobina S
MEC	Ministério da Educação
NE	Necessidades Específicas
PNAISPN	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População Negra
PNTN	Programa Nacional de Triagem Neonatal
PTN	Programa de Triagem Neonatal
SMED	Secretaria Municipal de Educação
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana Universidade do
UNEB	Estado da Bahia

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 GERAL	11
2.2 ESPECÍFICOS	11
3 JUSTIFICATIVA.....	11
4 CONCEITUANDO A ANEMIA FALCIFORME	13
METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	20
5.1 TIPO DE PESQUISA	20
5.2 PROCEDIMENTOS.....	22
5.3 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	23
5.4 FORMAÇÃO CONTINUADA.....	26
5.5 CONHECIMENTO SOBRE OS ASPECTOS DA DOENÇA.....	27
5.6 AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA ATENDER OS DISCENTES QUE VIVEM COM DOENÇA/ANEMIA FALCIFORME.	30
6 PARA NÃO CONCLUIR... ..	34
7 REFERÊNCIAS	37
NOTAS	41
APÊNDICES.....	42
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema “O conhecimento docente sobre a Anemia Falciforme: um olhar para as escolas de Itaberaba-Bahia”. Surgiu como desdobramento da Pesquisa “Necessidades educacionais de alunos acometidos com doenças crônicas: implicações na prática docente”, sistematizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial (GEPEE), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), envolvendo esta universidade e a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na qual estes pesquisadores atuam como monitores voluntários. A referida pesquisa foi iniciada em 2017 e com previsão de término em 2020. Este trabalho, derivado, tem como objetivo investigar no ambiente escolar, o que professores das escolas do município de Itaberaba, sabem sobre a doença.

Nos diálogos com os teóricos que subsidiam este estudo, (CASTRO, 2014; MAIA et al. 2013; CAVALCANTI e MAIO, 2011; MOURAO e FERRAZ, 2007; SOUZA, 2013), os autores indicam que a anemia falciforme é uma doença crônica, caracteriza-se por modificação da estrutura das hemácias, que têm forma de foice em situações de baixa tensão de oxigênio, levando o paciente a crises de dor, infarto e necrose de órgãos importantes.

Como apontam Cançado e Jesus (2007), “a anemia falciforme é considerada uma doença hereditária monogênica muito comum no Brasil e que predomina entre os afrodescendentes”. Sendo a Bahia o estado apontado com maior prevalência dos casos em todo o país. A mesma doença pode afetar o crescimento e o desenvolvimento da criança, bem como o desempenho escolar, devido à hospitalizações frequentes, que ocasionam ausências constantes do estudante na escola.

Considerando-se as necessidades específicas – (NE) desses escolares, é imprescindível que o educador tenha um olhar mais cuidadoso para o acompanhamento do discente que vive com a AF. Nesse sentido, é necessário conhecer as características da patologia para compreender a importância das ações pedagógicas, favorecendo assim o sucesso acadêmico do estudante.

A Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme (ABADFAL) cita, dentre alguns cuidados referentes à pessoa com AF, a importância da boa hidratação. Logo, o professor precisa ter um olhar sensível frente à situação, tornando-se mais flexível, pois este aluno pode precisar, em sala de aula, levantar-se para beber água ou ir ao banheiro, com maior frequência. Segundo Castro (2014), É no período escolar que acontece a intensificação da doença entre as fases que correspondem à infância e a adolescência, ciclo em que se registram inúmeros agravos a saúde.

Este estudo aconteceu em cinco escolas públicas municipais da cidade de Itaberaba, escolhidas aleatoriamente. Para identificar os conhecimentos dos docentes sobre a AF e levantamento dos dados, utilizamos um questionário misto, on-line no Google docs¹, com o propósito de analisá-los à luz dos conhecimentos de autores que têm trabalhos sobre a doença aqui especificada.

Os resultados mostraram que a maioria dos docentes afirmou ter conhecimento sobre as manifestações clínicas da doença e sabem que não existe cura, no entanto, poucos professores, entre os que já tiveram alunos em sua turma com AF tiveram acesso ao diagnóstico. Viu-se que, sobre esse tema, o conhecimento, por parte dos professores ainda é precário e nesse contexto somente 16,67% deles conhecem o material da ANVISA, que oferece subsídio ao professor sobre a AF. Ao final desse estudo, a formação continuada aparece como um requisito importante para reverter o desconhecimento e potencializar a prática, na atenção às necessidades específicas dos educandos que convivem com a anemia falciforme.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Analisar o conhecimento de professores de Itaberaba sobre a anemia falciforme e o impacto desse fenômeno nas ações pedagógicas realizadas com os alunos que convivem com essa doença

2.2 ESPECÍFICOS

- Caracterizar o perfil dos docentes envolvidos na pesquisa;
- Identificar a percepção que os professores têm sobre a anemia falciforme com base no que sabem sobre a doença
- Verificar se esse conhecimento repercute na construção de ações pedagógicas dos professores para com os discentes que vivem com a Anemia Falciforme.

3 JUSTIFICATIVA

A escola tem função importante na formação das pessoas. Sabendo disso, é importante compreender se essa instituição e os seus professores estão aptos a atender as pessoas com necessidades específicas, (NE) em decorrência das diversas condições que experienciam, ou seja, é válido saber se

os espaços formais de educação estão aptos a promover a aproximação e inclusão de todas as pessoas, indistintamente.

Nesse contexto, discutindo as doenças crônicas que é uma das condições que podem acarretar necessidades específicas, Cançado e Jesus (2007, p. 203) falam sobre a anemia falciforme doença que compõe as discussões deste estudo. Eles dizem que “a anemia falciforme é uma doença hereditária monogênica muito comum no Brasil, ocorrendo, predominantemente, entre afrodescendentes”.

Conforme dados do Ministério da Saúde, o estado da Bahia possui a maior frequência da referida doença no Brasil, sendo 1:650 (um nascimento com DF em cada 650), enquanto no Rio Grande do Sul é 1:10.000 (um nascimento com DF em cada 10.000). Nesse sentido, é de suma importância o conhecimento dos docentes, principalmente, em regiões onde há incidência e prevalência elevadas da doença, como é o caso do estado da Bahia.

Para Castro (2014, p. 20), “as implicações no adoecimento do corpo, por causa da AF, se intensificam no período escolar, fase em que constituem a infância e adolescência, momentos em que são registrados inúmeros agravos à saúde”.

Diante disso cabe informar que o “Manual do professor, guia sobre doenças falciformes para professores”, criado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, (ANVISA) consiste em uma ferramenta importante para os educadores na compreensão dos conhecimentos sobre a Doença Falciforme. No entanto, Maia et al. (2013) citaram que 95,6% dos professores desconhecem a existência deste material didático. Ou seja, apesar da existência desse guia, não só os educadores, mas também outros envolvidos nas instituições escolares desconhecem as manifestações clínicas da doença, Castro cita que:

[...] A doença falciforme possui aspectos étnicos e culturais que devem ser considerados e que causam implicações sociais e cognitivas. A instituição escolar desconhece as manifestações clínicas da doença e seus prováveis desdobramentos na aprendizagem e no desenvolvimento do estudante acometido. A pessoa com a doença passa por muitos episódios constrangedores, de racismo e bullying. (CASTRO, 2016, p. 19)

De acordo com o artigo 206, inciso I da Constituição Federal Brasileira, a educação é um direito de todos, "em igualdade de condição de acesso e permanência na escola" (BRASIL, 1988). Desse modo é importante que os professores dêem atenção pedagógica aos alunos com doença crônica, colocando esse tema em pauta, nas suas discussões, para que a diversidade seja, de fato, contemplada dentro dos espaços escolares.

Segundo Nonose (2009), é indiscutível que a escola tem papel essencial no processo educacional dos educandos que apresentam condição crônica de saúde, assim como não se pode questionar o desejo dos estudantes em receberem tal educação, o direito dos pais em terem seus filhos incluídos, de fato, na escola e a orientação dos pedagogos.

Nessa direção, faz-se necessário investigar algumas questões: até que ponto as escolas e os professores estão informados das condições de saúde de seu educando? Quais as necessidades educacionais desses alunos cronicamente adoecidos? Os professores têm uma atuação consistente no processo de inclusão dessas crianças na escola? Para Dias et al.,

A escola é o principal contexto da área educacional, visto que as crianças ficam, no mínimo, cinco horas diárias no ambiente escolar, afetando diretamente o processo de formação intelectual e desenvolvimento de condutas das crianças. É um local de acolhimento de todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e outras, devendo garantir o acesso e a permanência para todos os educandos, mesmo aqueles que apresentam grande desvantagem, modificando atitudes discriminatórias, criando comunidades acolhedoras e desenvolvendo uma sociedade inclusiva. (DIAS, et al., 2013, p. 577).

Nesse sentido, ainda segundo Dias, et al., (2013, p. 589), “a criança com doença falciforme enfrenta desde cedo, no decorrer da sua vida, possíveis problemas no seu desenvolvimento, face aos sintomas da doença”, e esses problemas requerem uma atenção diferenciada por parte das políticas de saúde pública e da escola. Acreditamos que um estudo no qual se busque examinar essas questões, de alguma forma será capaz de atenuar a desigualdade de oportunidades e assim contribuir significativamente para a promoção de uma educação inclusiva.

4 CONCEITUANDO A ANEMIA FALCIFORME

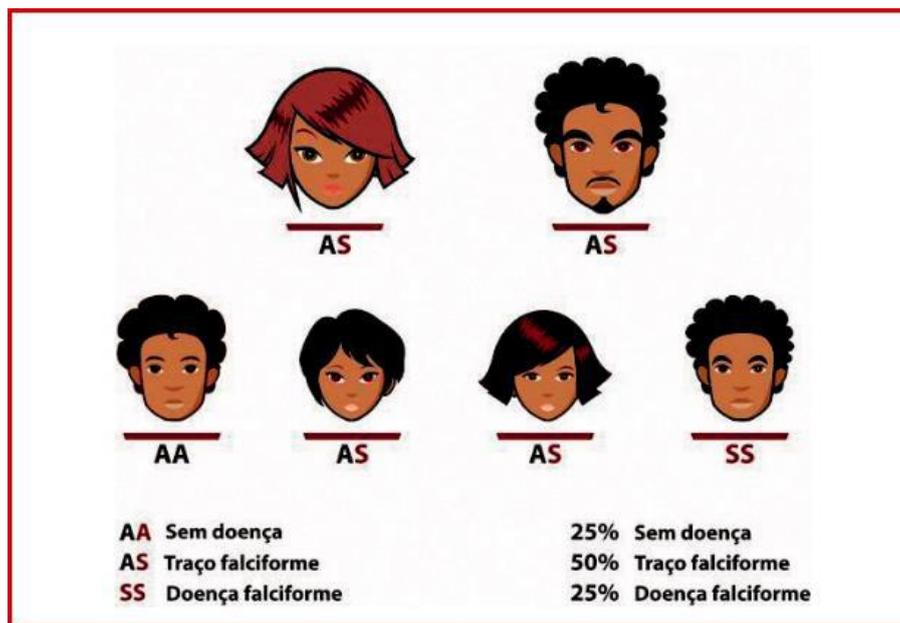
O objetivo central desse estudo é investigar o conhecimento dos professores quanto à anemia falciforme, bem como se o grau de conhecimento docente sobre os aspectos específicos da doença, que muitas vezes são revelados na sala de aula, repercutem nas ações pedagógicas. De acordo com a ANVISA (2001) e Maia et al. (2013), Doença Falciforme é um termo genérico usado para determinar um grupo de alterações genéticas caracterizadas pelo predomínio da hemoglobina S (Hb S). Essas alterações incluem a anemia Falciforme (Hb SS), as duplas heterozigoses, ou seja, as associações de Hb S com outras variantes de hemoglobinas, tais como, Hb D, Hb C, e as interações com talassemias (Hb S/ β^0 talassemia, Hb S/ β^+ talassemia, Hb S/a talassemia), (ANVISA, 2001; MAIA et al. 2013) Segundo Figueró e Ribeiro, (2017), desde que foi descrita pela primeira vez em 1910, a doença falciforme vem sendo associada a uma patologia predominante em pessoas negras. No Brasil, tendo

em vista a intensa miscigenação racial, tal afirmação já não pode ser aceita como única. No entanto, “ainda hoje a relação doença falciforme/população negra é muito forte, de modo que a categoria racial negra é considerada por muitos como um pré-requisito para ser acometido por essa doença”. (FIGUEIRÓ e RIBEIRO, 2017, p. 92). Como apontam Galiza Neto e Pitombeira (2003), A anemia falciforme é uma das doenças hematológicas com herança genética mais comum em todo o mundo, atingindo significativa parcela da população em diversos países. A referida doença surgiu nos países do centro-oeste africano, na Índia e no leste da Ásia, há cerca de 50 a 100 mil anos, entre os períodos paleolíticos e mesolíticos. “O fato que motivou a mutação do gene da hemoglobina normal (HbA) para o gene da hemoglobina S (HbS) ainda permanece desconhecido”. (GALIZA NETO e PITOMBEIRA, 2003, p. 53) De acordo com o Manual de Diagnóstico e Tratamento de Doenças Falciformes, (ANVISA, 2001), “a AF, [...], é caracterizada por anemia hemolítica crônica e fenômenos vasocclusivos que levam a crises dolorosas agudas e à lesão tecidual e orgânica crônica e progressiva”. (ANVISA, 2001, p.16). Ainda sobre o conceito e a forma como ocorre a AF, trazemos a seguinte definição:

A anemia falciforme ocorre quando uma pessoa herda de ambos os pais o gene da hemoglobina S (Hb S), apresentando assim o genótipo Hb SS. O traço falciforme se manifesta quando apenas uma cópia desse gene é herdada, ficando assim o genótipo Hb AS (Hb A é abreviação da hemoglobina normal). O traço não provoca nenhum sintoma clínico, pois as hemácias dificilmente se tornam falciformes, já que a quantidade de HbS é menor que a de Hb A, o que dificulta a modificação estrutural da molécula. (CAVALCANTI; MAIO, 2011, p.378)

Por isso, a Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde, (BRASIL, 2014), recorda que a DF é uma das enfermidades genéticas e hereditárias mais comuns no Brasil. Decorre de uma modificação (mutação) no gene da globina² (DNA). Esta, em vez de produzir a hemoglobina A, resulta em uma hemoglobina mutante chamada S. Existem outras hemoglobinas mutantes como, por exemplo: C, D, E, etc, que em par com a hemoglobina S constituem o grupo denominado doença falciforme. Nesse grupo, estão incluídas a anemia falciforme (SS), a associação de hemoglobina S e beta talassemia (Sbeta-tal), e as doenças de HbSC, HbSD, HbSE, além de outras mais raras. Para que haja a manifestação clínica da doença é necessário que os genitores sejam portadores do alelo mutado³. Pais heterozigóticos⁴ possuem 25% de chances de gerar uma criança com a Doença Falciforme (Figura 01). (BRASIL, 2014)

Figura 1 - Aspectos hereditários



Fonte: Brasil, 2014.

Nesse sentido destacamos que, filhos de duas pessoas com o traço falciforme Hb AS podem nascer com anemia falciforme Hb SS, o que torna necessário a realização de exames pelo casal, bem como um acompanhamento genético para realizar tratamento preventivo. De acordo com Diniz e Guedes, (2003), A prevenção da anemia falciforme por ser uma doença crônica e ainda sem cura, depende, portanto, do acesso à informação por parte das pessoas com o traço falciforme. A extinta Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) declara que a DF faz parte de um grupo de doenças e agravos relevantes, que afetam a população negra. Por essa razão, a DF foi incluída nas ações da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População Negra (PNAISPN) e nos artigos 187/188 da Portaria MS/GM nº 2.048, de 3 de setembro de 2009 que regulamenta o SUS. (BRASIL, 2014, p. 20). Nesse contexto, o diagnóstico precoce, atualmente realizado pelo Programa de Triagem Neonatal (PTN) também conhecido como “teste do pezinho”, tem como objetivo identificar algumas patologias, na primeira semana de vida dos recém-nascidos, e assim evitar possíveis intercorrências graves resultantes delas. Por isso, a DF está incluída nesse programa mencionado anteriormente. (BRASIL, 2014) (MURAO e FERRAZ, 2007).

Cabe lembrar, entretanto, segundo Batista que

Somente a partir de 2001 foi determinada a obrigatoriedade da inclusão de doenças falciformes no teste de triagem neonatal (Teste do Pezinho), favorecendo assim o diagnóstico precoce, reduzindo as complicações da doença que tanto interferem no cotidiano das pessoas que por ela são acometidas. (BATISTA, 2008, p. 72-73)

Em conformidade com o Programa de Triagem Neonatal, o qual demonstra frequências diferentes da DF nas diversas regiões do país, os dados apontam aumento em direção ao Estado da Bahia. Os Estados de Santa Catarina e Paraná possuem incidências de 1:13.500, no Rio Grande do Sul de 1:11.000, Espírito Santo 1:1.800, Minas Gerais, Goiás, Maranhão e Pernambuco 1:1.400, Rio de Janeiro 1:1.300, e na Bahia de 1: 650 como já fora relatado, (Quadro 01), caracterizando a Bahia como o Estado de maior incidência da doença no Brasil. Já a proporção do traço falciforme segue a mesma tendência, conforme os dados. Enquanto os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina possuem incidência de 1: 65, São Paulo 1:40, Minas Gerais 1:30, Espírito Santo 1:28, Goiás 1:25, Pernambuco e Maranhão 1:23, a Bahia tem 1:17 (Quadro 02).

Quadro 1 - Incidência de nascidos vivos diagnosticados com doença falciforme em alguns estados

ESTADOS	INCIDÊNCIA
Bahia	1:650
Rio de Janeiro	1:1.300
Pernambuco, Maranhão, Goiás e Minas Gerais	1:1.400
Espírito Santo	1:1.800
Rio Grande do Sul	1:11.000
Paraná	1:13.500
Santa Catarina	1:13.500

Fonte: Programas Estaduais de Triagem Neonatal (BRASIL, 2014).

Quadro 2 - Incidência de nascidos vivos diagnosticados com traço falciforme em alguns estados

ESTADOS	INCIDÊNCIA
Bahia	1:17
Rio de Janeiro	1:20
Pernambuco, Maranhão	1:23
Goiás	1:25
Espirito Santo	1:28
Minas Gerais	1:30
São Paulo	1:40
Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina	1:65

Fonte: Programas Estaduais de Triagem Neonatal (BRASIL, 2014).

Segundo Guedes, (apud CASTRO, 2014), há um desconhecimento do que seja AF, entre alguns profissionais de saúde, isso se deve ao fato da referida doença ter sido negligenciada por décadas na agenda de saúde pública brasileira. Nesse mesmo entendimento, Cançado e Jesus (2007) relataram a reivindicação do diagnóstico precoce e ações do governo, através de movimentos de grupos organizados da população negra no Brasil para atender as necessidades das pessoas com a doença falciforme.

De acordo com Castro (2014), nas últimas décadas, a iniciativa sobre a divulgação de informações sobre AF no ambiente escolar vem, inicialmente, de uma instituição ligada diretamente a área da saúde, mais precisamente, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. O Manual de Diagnóstico e Tratamento de Doenças Falciformes da ANVISA cita que:

A doença originou-se na África e foi trazida às Américas pela imigração forçada dos escravos. No Brasil, distribui-se heterogeneamente, sendo mais frequente onde a proporção de antepassados negros da população é maior (nordeste). (ANVISA, 2001, p.10)

O professor em todos os momentos de sua carreira vai lidar com a heterogeneidade em sala de aula, contexto no qual podem estar incluídos alunos com Doenças Crônicas, entre elas, a Anemia Falciforme.

Nesse sentido, para atender a demanda do cotidiano escolar, o professor deve se tornar um profissional reflexivo e investigativo de suas ações, conforme Libâneo,

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação – ou seja, a prática educativa - é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. (LIBÂNEO, 1990, p. 16-17).

Com o propósito de entrever o perfil docente, optamos por dialogar com Pimenta, 1995; Pimenta e Lima, 2005, 2006; Pimenta e Ghedin, 2006; Freire, 1987; Charlot, 2008; Militão, 2004; Libâneo, 1990. Esses autores apresentam perspectivas e considerações sobre a importância do fazer docente no processo de reflexão-ação-reflexão. É importante não perder de vista que nesse processo de reflexão, o professor também vai ser alvo da sua própria investigação e não um simples objeto de estudo, mas também um investigador de seu próprio trabalho e isso de alguma forma pode refletir sobre a sua atuação, sendo ele, um agente de mudanças, podendo adaptar a sua prática educativa ao contexto sociocultural.

É certo que, no contexto da escola em geral, falta informação acerca das especificidades da tríade saúde-cuidado-doença, posto que a ausência de conhecimentos contribui para o despreparo do corpo docente, o que pode desencadear atitudes preconceituosas, que afastam o sujeito com doença crônica da escola, dificultam a entrada, a reinserção e a permanência escolar (CASTRO, 2009 Apud CASTRO 2014, p. 28-29).

É notório que o conhecimento dos educadores sobre alunos com anemia falciforme matriculados nas escolas onde lecionam, bem como o conhecimento sobre alguns fatores clínicos, podem interferir no comportamento do docente em sala de aula e isso contribuirá para que esses alunos tenham uma assistência adequada e melhor desempenho escolar. Entende-se que o professor possui papel fundamental no processo de escolarização, pois o mesmo permanece boa parte do tempo em contato direto com o aluno que tem anemia falciforme. É importante, nesse sentido, para o docente, atentar para o aluno que vive entre a escola e o hospital, por isso, é de suma importância a ajuda e compreensão do professor para minimizar as comorbidades da doença citada nesse estudo, contribuindo de modo que esse aluno se torne um adulto produtivo e com boa auto-estima.

Nesse contexto, o professor tendo o conhecimento e informações sobre a doença poderá contribuir de forma positiva, pois, de acordo a Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme (ABADFAL), (2014), ao atuar diretamente com crianças/adolescentes que convivem com AF em suas salas de aulas, faz-se necessário que o professor adquira as informações pertinentes para dar a devida atenção e não superproteger-lhes.

Nesse sentido, o professor que tem conhecimento sobre a anemia falciforme será capaz de adotar medidas para ajudar a atenuar as necessidades da criança dentro da escola no período das crises, reconhecer sinais e sintomas precoces e assegurar o apoio aos educandos que tenham essa doença. As escolas ao entenderem que há peculiaridades entre esses alunos e, ao mesmo tempo, se perceberem suas individualidades, pode tomar iniciativas importantes para o conhecimento e para a formação do professor.

Batista (2008) discorre sobre esse assunto afirmando que:

A escola como instituição tem um papel fundamental na vida dos adolescentes, ela constitui um meio de socialização, proteção, informação e transmissão de conhecimento. E por desempenhar tantos papéis é importante que a escola participe do processo de vida dos seus alunos, sendo, portanto, fundamental que sua equipe pedagógica tenha conhecimento sobre o problema de saúde que acomete algum membro do seu corpo discente. Mas não basta apenas ter conhecimento que o adolescente tem uma doença crônica, é necessário que os professores saibam lidar com as intercorrências e limitações causadas pela doença. (BATISTA, 2008, p.83-84)

Na escola, o professor pode e deve contribuir para o bem-estar de seus discentes com AF, realizando observações, principalmente se já os reconhece e se esses discentes vivem em área de prevalência elevada da doença. É importante dizer que os professores baianos podem fazer uso de material didático específico, a exemplo da cartilha intitulada “Doença Falciforme: a importância da Escola” da Prefeitura de Salvador e da ABADFAL (2014), que além de informar, traz no texto uma série de questionamentos que incluem a ajuda da escola e do professor sobre o contexto. Eis um trecho importante retirado do referido material:

[...] a escola é peça fundamental, pois ao inserir a temática no conteúdo programático das diversas disciplinas de forma transversal, bem como ao promover atividades de pesquisa, feiras e seminários o educador estimula a produção e difusão do conhecimento sobre a doença, ajudando no combate ao preconceito e a discriminação. Uma dica importante é falar sobre a doença em sala de aula, antes mesmo que os sintomas se apresentem, explicando o que é e desconstruindo os mitos. Assim, as crianças terão a informação previamente e será mais fácil lidar com os sintomas caso eles apareçam. [...] Trabalhar o tema em sala de aula será uma forma de acolhê-lo, mesmo que os colegas não saibam que ele/ela tem. (SALVADOR; ABADFAL, 2014, p. 10)

Nas palavras de Brito (2013), a atuação dos professores em sala de aula poderá interferir diretamente na permanência do estudante na escola, no seu entusiasmo e dedicação. Assim, estudantes cronicamente doentes, como é o caso daqueles que têm a AF, exigem uma maior demanda da atuação docente, no sentido de dar mais atenção aos ritmos desse aluno.

Diante disso, não é demais lembrar que a parceria entre a escola e a família é indispensável para não trazer implicações negativas no processo educacional do estudante, pois, é de suma importância o prosseguimento dos estudos do discente em períodos pós-crise, facilitando o seu regresso à ambiência escolar, reduzindo dessa forma, a sensação de isolamento que acontece nos períodos de hospitalizações e no repouso domiciliar.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 TIPO DE PESQUISA

Aqui serão apresentados os caminhos metodológicos que foram percorridos para a concretização desta investigação. A pesquisa foi realizada utilizando o método de abordagem quali-quantitativa, pois esta abordagem adequou-se melhor aos objetivos traçados no estudo.

Como aponta Creswell (2007) uma abordagem quali-quantitativa ou mista é o meio pelo qual o pesquisador realiza uma metodologia de investigação que combina ou associa as duas formas. Esse tipo de abordagem demonstra ser mais que uma simples coleta e análise dos dados, envolve um levantamento simultâneo para melhor entender os problemas da pesquisa.

Esses procedimentos se desenvolveram em resposta à necessidade de esclarecer o objetivo de reunir dados quantitativos e qualitativos em um único estudo (ou em um programa de estudo). Com a inclusão de métodos múltiplos de dados e formas múltiplas de análise, a complexidade desses projetos exige procedimentos mais explícitos. (CRESWELL, 2007, p.211)

De acordo com Minayo (2002), a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza, ou seja, “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”. (MINAYO, 2002, p. 22)

Foi classificada ainda como exploratória, por exigir um estudo profundo e detalhado do tema escolhido e descrito acima.

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p. 46)

Optamos pela realização de um estudo no campo empírico em instituições de educação no ensino fundamental, e educação infantil, que sejam escolas da rede pública municipal localizadas no município de Itaberaba.

Foi utilizado como instrumento para levantamento das informações, um questionário investigativo *on-line*, no *Google docs*⁵, com os (as) professores (as) das instituições. A escolha desse instrumento justifica-se por permitir que os pesquisadores possam alcançar os objetivos propostos, bem como por deixar os (as) pesquisados (as) livres para responderem conforme seus entendimentos, resultando assim, em um melhor tratamento e análise dos dados coletados.

Por meio de um questionário misto, *on-line* no *Google docs* foi permitido aos pesquisadores identificar os conhecimentos docentes a cerca da AF e analisá-los à luz de teorias de autores que subsidiam este estudo, com discussões sobre a doença crônica e especificamente sobre a anemia Falciforme, as quais nos deram suporte para a realização do presente trabalho de investigação, envolvendo o tratamento dos dados coletados.

Segundo Gil:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 140)

De acordo com Gil (2008, p. 140), o questionário apresenta uma série de vantagens, pois, “possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser pelo correio” e “permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente”.

Como apontam Lacerda e Ramalho (2020); Martins (2020), a pesquisa acadêmica de Ciências Sociais e Humanas no atual contexto imposto pela pandemia do coronavírus surge a necessidade de se discutir e a realização das mesmas, tendo em vista que a maior parte das universidades brasileiras, visando preencher a lacuna da distância e isolamento social, adotou o “Ensino Remoto Emergencial” (ERE). Nesse contexto, esse também foi um fator decisivo na escolha do questionário *on-line* do *Google docs*, como ferramenta para subsidiar na realização da pesquisa. O instrumento escolhido permitiu ampliar a pesquisa propiciando sua análise e entendimento, oportunizando alcançar os objetivos propostos para esse estudo.

O contato com os professores deu-se inicialmente junto à Secretaria Municipal de Educação (SMED), coordenadores e diretores das escolas via telefone, e-mail e *whatsapp*⁶. Inicialmente buscou-se saber quais escolas atendiam alunos com Anemia Falciforme, no entanto, devido a situação da pandemia do covid-19, não foi possível obter as informações. Posteriormente, solicitamos da SMED, a liberação de

05 escolas para a apresentação do projeto, sistematização e inserção das mesmas nesta pesquisa. Importa esclarecer que os secretários, diretores e demais membros da SMED, não foram sujeitos alvo da pesquisa, foram apenas informantes no processo de localização das escolas.

Os professores foram informados quanto ao uso dos dados, e lhes foram enviados anexo ao questionário *on-line do Google docs*, um Termo de Consentimento Livre Esclarecido – (TCLE), informando que não seria revelada a identidade dos respondentes na divulgação dos resultados e, nesse sentido, seriam identificados com nomes fictícios. Também mostrando que os pesquisadores estavam atentos às devidas orientações sobre os cuidados e normas em relação às pesquisas envolvendo seres humanos, que essas normas seriam cumpridas.

Após recebimento da indicação das escolas, foi solicitado o agendamento de uma reunião *on-line* para uma primeira conversa com os respectivos diretores coordenadores. Nesta mesma reunião, os pesquisadores realizaram a apresentação do projeto para a direção e coordenação das escolas, e no mesmo evento, definiu-se o envio do questionário *on-line no Google docs* para os professores das escolas escolhidas.

5.2 PROCEDIMENTOS

O estudo aconteceu entre os meses de março a junho de 2021 em 05 (cinco) escolas da rede municipal localizadas no município de Itaberaba-BA. Os critérios de inclusão para a participação das escolas se deram por intermédio da Secretaria Municipal da Educação (SMED), diretores e coordenadores das unidades escolares. Aos professores das escolas que concordaram em participar da pesquisa, foi solicitada a leitura e aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As cinco escolas participantes na pesquisa estão localizadas na zona urbana do município de Itaberaba. Essas escolas ofertam serviços para Educação Infantil e o nível fundamental II.

Para resguardar a identidade dos participantes e atendendo às normas, os procedimentos nesta pesquisa obedeceram aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, nesse sentido, adotamos uso de símbolos para a preservação da identidade dos sujeitos, foi utilizada a letra D na referência aos docentes, acompanhado por números. Também omitimos informações sobre a identificação das escolas, onde os docentes que fizeram parte do estudo estão alocados.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Construiu-se um banco de dados no “software” *Microsoft Excel*® 2019 e as análises estatísticas dos resultados foram realizadas via tabelas e gráficos gerados também no questionário do *Google docs*.

Todas as informações foram publicadas, com os devidos cuidados para a preservação e o sigilo da identificação dos participantes, seguindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo seres humanos e da Universidade do Estado da Bahia.

Responderam ao questionário do *Google docs on-line*, um total de 12 professores das cinco escolas municipais já mencionadas como *lócus* que abrigavam os sujeitos da pesquisa, no município de Itaberaba - Bahia. A maioria dos professores pertence ao gênero feminino, compondo-se 91,67% onze (11) dos professores (Tabela 01)

Tabela 1 - Perfil dos professores

GÊNERO		
	Número de Professores	%
Feminino	11	91,67%
Masculino	1	8,33%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

A idade diversificou entre 18 a 56 anos ou mais, com frequência maior entre 31 a 50 anos, e acima de 56 anos de idade, correspondendo a um percentual de 16,77% ou dois (02) dos professores preenchendo essas categorias (Tabela 02)

Tabela 2 - Faixa Etária

FAIXA ETÁRIA		
Idades	Número de Professores	%
De 18 a 25 anos	1	8,33%
De 26 a 30 anos	1	8,33%
De 31 a 35 anos	2	16,7%
De 36 a 40 anos	2	16,67%
De 41 a 45 anos	2	16,67%
De 46 a 50 anos	2	16,67%
De 51 a 55 anos	0	0,0%
Acima de 56 Anos	2	16,67%
TOTAL	12	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Um total de 25,00% ou seja, três (03) dos professores possuía entre 11 a 15 anos de tempo de atuação como educador (Tabela 03).

Tabela 3 - Tempo de atuação como educador

TEMPO DE ATUAÇÃO COMO EDUCADOR		
Tempo/Anos	Número de Professores	%
De 1 a 5 anos	2	16,67%
De 6 a 10 anos	2	16,67%
De 11 a 15 anos	3	25,00%
De 16 a 20 anos	1	8,33%
De 21 a 25 anos	1	8,33%
De 26 a 30 anos	2	16,67%
Acima de 30 anos	1	8,33%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Verificou-se que 57,14% oito (08) docentes possuíam graduação em licenciatura em Pedagogia. Outros 21,43% três (03) dos professores são licenciados em Letras, seguido de 7,14% ou seja, somente um (01) graduado em geografia, um (01) graduado em matemática e também somente um (01) com bacharelado em direito, sendo que dois dos professores possuem duas graduações, por isso um total de 14 respostas na questão. (Tabela 04).

Tabela 4 - Formação acadêmica

FORMAÇÃO ACADÊMICA		
CURSO	Número de Professores	%
Pedagogia	8	57,14%
Matemática	1	7,14%
Geografia	1	7,14%
Letras	3	21,43%
Direito	1	7,14%
TOTAL	14	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Observou-se que nove (09) dos professores, ou seja, 75,00% possuíam pós-graduação, em diversas áreas sendo: Neuropedagogia e Psicanálise, Coordenação, Administração e Letras, Língua Portuguesa, Educação, Linguagens, Alfabetização e letramento, Metodologia das linguagens e por fim um em Psicopedagogia (Tabela 05).

Tabela 5 - Pós-Graduação e Área

ÁREA		%
Neuropedagogia e Psicanálise	1	11,11%
Coordenação	1	11,11%
Administração, Letras	1	11,11%
Língua Portuguesa	1	11,11%
Educação	1	11,11%
Linguagens	1	11,11%
Alfabetização e letramento	1	11,11%
Metodologia das linguagens	1	11,11%
Psicopedagogia	1	11,11%
TOTAL	9	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Foi observado que todos os professores trabalhavam apenas na rede municipal de ensino (Tabela 06).

Tabela 6 - Rede que trabalham

SERVIDOR DA REDE		%
Pública Municipal	12	100,00%
Pública Estadual	0	0%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Constatou-se que 41,67% cinco (05) dos professores lecionam para o segmento Educação Infantil e 58,33% sete (07) dos professores lecionam para o segmento Fundamental II (Tabela 07).

Tabela 7 - Segmentos que lecionam

SEGMENTOS QUE LECIONAM		%
Educação Infantil	5	41,67%
Ensino Fundamental II	7	58,33%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

5.4 FORMAÇÃO CONTINUADA

Após essa apresentação dos aspectos sociobiográficos dos participantes, direcionamos uma pergunta aos professores para entender se já participaram de algum curso, ou atividade relacionada à formação continuada com a temática doença falciforme, 91,67% ou onze (11) professores afirmaram que não e apenas 8,33% um (01) professor respondeu que sim.

Independentemente da participação em algum evento voltado para o tema, perguntou-se se o docente tem algum conhecimento sobre a anemia falciforme ou doença falciforme, oito (08), dos doze professores responderam que sim e quatro (04) responderam que não.

Mesmo tendo oito (08) respostas afirmativas na questão anterior, os 12 professores responderam à questão seguinte que interrogava a respeito do que sabem sobre esse assunto, no entanto, quatro (04) informaram não saber nada e os demais responderam:

“É um distúrbio na qual atingem os globos (sic) vermelhos fazendo com que eles fiquem deformados (segundo um professor que tive, os globos (sic) vermelhos ficam no formato de uma foice)” (D1).

“Que é uma doença dolorosa, que atinge um número razoável de pessoas e o tratamento também exige muito cuidado e dedicação” (D2).

“É uma doença hereditária, qualificada pela alteração dos glóbulos vermelhos no sangue” (D3).

“Minha neta e nora possuem traços da doença” (D4).

“Tenho uma filha que tem traços de Anemia” (D5).

“Conceitos é que a doença não tem cura” (D6).

“Doença hereditária e crônica” (D7).

“É um tipo de Anemia” (D8).

A falta de conhecimento e as inadequadas percepções reforçam as implicações dessa doença, vulnerabilizando as situações de aprendizagem e o processo de escolarização. (CASTRO, 2009; 2014)

Os indivíduos com a doença falciforme por muitas vezes encontram-se negligenciados por falta de informação no sistema educacional, as características clínicas que interferem em seu comportamento devem ser observadas de forma minuciosa para assegurar uma assistência adequada no processo de aprendizagem desse estudante.

5.5 CONHECIMENTO SOBRE OS ASPECTOS DA DOENÇA

Sobre o conhecimento de algumas manifestações clínicas da doença, oito (08) dos professores responderam que conhecem e quatro (04) responderam que não. Complementando a questão, foi perguntado quais sintomas conhecem e obtivemos as seguintes respostas:

“Fraqueza, dores e falta de ânimo (D1; D2 e D8)

“Dores nas articulações fadiga, palidez” (D3)

“Dores e fadiga” (D4)

“Fraqueza, indisposição e etc.” (D5)

“Moleza, indisposição, fraqueza e que não tem cura, tem tratamento” (D6).

“Infecções, dores, fraqueza etc.” (D7)

Perguntado se já teve algum aluno com anemia falciforme e como teve acesso ao diagnóstico, 66,67%, o que corresponde a oito (08) dos professores informaram que nunca tiveram aluno com anemia falciforme, 16,67% ou dois (02) professores afirmaram que não tiveram acesso ao diagnóstico, 8,33% um (01) docente, citou que teve a informação através da direção/coordenação da escola e também 8,33% um (01) deles apontou que obteve conhecimento através de conversas informais com amigos e/ou pessoas que conhecem o estudante. (Tabela 08).

Tabela 8 - Acesso ao diagnóstico

SE JÁ TEVE ALUNO COM AF COMO TEVE ACESSO AO DIAGNÓSTICO?		
	Número de Professores	%
Através da direção/ coordenação da escola	1	8,33%
Através da família/parente	0	0%
Através de conversas informais com amigos e/ou pessoas que conhecem o estudante	1	8,33%
Não tive acesso ao diagnóstico	2	16,67%
Nunca tive aluno com anemia falciforme	8	66,67%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Após a análise dos dados, observou-se que a maioria dos professores afirmaram não ter participado de alguma formação continuada com a temática anemia falciforme, o que demonstra a necessidade da realização de atividades formativas voltadas para o tema, ao tempo em que 66,67% diz ter conhecimento da doença e os mesmos 66,67% pontuou conhecer algumas manifestações clínicas da doença especificada. O professor ao ter uma formação pedagógica, preferencialmente em Educação Inclusiva ou em cursos de Pedagogia deveria receber noções aprofundadas sobre as doenças e condições vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico ou afetivo. (NONOSE, 2009)

Em relação ao entendimento se existe cura para a doença/anemia falciforme, dez (10) dos professores pontuaram que não e dois (02) disseram que sim (Tabela 09).

Tabela 9 - Crença do professor em relação à cura.

NO SEU ENTENDER, EXISTE CURA PARA A DOENÇA/ANEMIA FALCIFORME?		
	Número de Professores	%
Não	10	83,33%
Sim	2	16,67%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

No questionamento sobre se a formação permite tratar sobre a temática saúde em sala de aula, obtiveram-se os seguintes dados: nove (09) dos professores, ou 75,00%, responderam que sim e os outros três (03) responderam que não (Tabela 10).

Tabela 10 - Formação do professor e o tratamento dado ao aluno com AF

SUA FORMAÇÃO LHE PERMITE TRATAR SOBRE A TEMÁTICA SAÚDE EM SALA DE AULA?		
	Número de Professores	%
Não	3	25,00%
Sim	9	75,00%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Indagado sobre o conhecimento do material construído pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) que oferece subsídio ao professor sobre a doença falciforme, 83,33%, ou dez (10) docentes assinalaram não ter conhecimento do material e 16,67% dois (02) dos professores citaram conhecer o referido material.

No complemento da questão, foi perguntado se tendo ciência do material da ANVISA, as informações estão, ou não, claras e elaboradas de forma simples e objetivas, e se o mesmo documento traz informações básicas importantes para o professor que lida ou vai lidar com o aluno com DF, 75,00% nove (09) dos professores mencionaram que não e 25,00% (três 03) professores avaliam que atende aos critérios básicos (Tabela 11).

Tabela 11 - Avaliação do material da ANVISA.

SE CONHECE O MATERIAL DA ANVISA, AVALIA QUE AS INFORMAÇÕES ESTÃO, OU NÃO, CLARAS DE FORMA SIMPLES E OBJETIVA		
	Número de Professores	%
Não	9	75,00%
Sim	3	25,00%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Sobre o diagnóstico da doença, registrou-se que ainda há falta de acesso, por parte dos professores, ou esse diagnóstico é adquirido por fontes informais. Viu-se também que há o entendimento de que não existe cura para a AF. Um percentual importante abordou que sua formação lhe permite tratar sobre a temática saúde em sala de aula, no entanto, a maioria desconhece o material disponibilizado pela ANVISA, como foi visto acima. Esse material serve como subsídio ao professor sobre a DF e mesmo desconhecendo o material, grande parte do professorado avalia que o documento não traz informações de forma clara, simples e objetiva.

Nessa direção, em pesquisa anterior, um percentual de 95,6% dos professores, desconhecem a existência do material da ANVISA, (MAIA et al. (2013). Melhor dizendo, mesmo com a existência desse “guia”, o desconhecimento sobre o mesmo é bastante elevado nos dias atuais o que demonstra a necessidade de cursos de formação continuada que tratem da temática que compõe esse material didático.

5.6 AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA ATENDER OS DISCENTES QUE VIVEM COM DOENÇA/ANEMIA FALCIFORME.

As questões anteriores ajudam a entender se o (des)conhecimento do professor sobre a AF repercute nas ações pedagógicas. Feito o questionamento aos professores, se algum estudante com a referida doença já esteve na turma a qual ele leciona e quais ações pedagógicas foram desenvolvidas no retorno, após a crise, oito (08) dos docentes responderam que nunca tiveram, na sua sala de aula, aluno com essa doença, outros dois (02) disseram que realizou segunda chamada das avaliações visto que o mesmo não pôde estar presente, um (01) dos professores citou que realizou atividades em espaços não formais de educação (casa e hospitais) e um (01) sinalizou não ter nenhum conhecimento (Tabela 12).

Tabela 12 - Ações pedagógicas no retorno pós crises

SE ALGUM ESTUDANTE COM A REFERIDA DOENÇA ESTEVE EM SUA TURMA, QUE AÇÕES PEDAGÓGICAS FORAM DESENVOLVIDAS NO RETORNO, APÓS A CRISE?		
	Número de Professores	%
Realizei segunda chamada das avaliações que o mesmo não pôde estar presente	2	16,67%
Realizei atividades em espaços não formais de educação (casa e hospitais)	1	8,33%
Não tive aluno com essa doença	8	66,67%
Não tenho conhecimento, não nos foi passado nenhum	1	8,33%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Perguntado aos professores o que é feito se tem um aluno na turma com DF e percebe que ele apresenta algum comportamento como apatia, moleza, distanciamento dos colegas e das atividades propostas, 31,25% dez (10) dos professores marcaram, dentre as proposições apresentadas, que investigam o que há por trás da desmotivação, 18,75% seis (06) ajudam a aumentar a autoestima do aluno, recompensando o comportamento positivo em vez de apenas criticá-lo, 15,63% cinco (05) realiza um atendimento diferenciado, trazendo-o para o centro da conversa com os colegas, 12,50% quatro (04) acolhe, faz com que ele se sinta bem-vindo, outros 12,50% quatro (04) buscam as características especiais do aluno e tentam adaptar as atividades, respeitando o seu ritmo, para o desenvolvimento das suas potencialidades e por fim, 9,38% três (03) professores disseram que encaminha o aluno para a direção tomar as devidas providências, somando-se 32⁷ respostas (Tabela 13).

Tabela 13 - Ação efetiva para atenuar o distanciamento entre colegas com e sem AF.

SE VOCÊ TEM UM ALUNO NA TURMA COM DF E PERCEBE QUE ELE APRESENTA ALGUM COMPORTAMENTO COMO APATIA, MOLEZA, DISTANCIAMENTO DOS COLEGAS E DAS ATIVIDADES PROPOSTAS, O QUE FAZ?		
	Número de Professores	%
Investigo que que há por trás da desmotivação	10	31,25%
Acolho, faço com ele se sinta bem-vindo	4	12,50%
Ajudo a aumentar a autoestima do aluno, recompensando o comportamento positivo em vez de apenas criticá-lo	6	18,75%
Realizo um atendimento diferenciado, trazendo-o para o centro da conversa com os colegas	5	15,63%
Busco as características especiais e tento adaptar respeitando o seu ritmo, para o desenvolvimento das suas potencialidades	4	12,50%
Não faço nada, deixo ele à vontade	0	0%
Encaminho para a direção tomar as devidas providências	3	9,38%
TOTAL	32	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Quando mostramos, mediante afirmativa que o número elevado de faltas, ou o absenteísmo desse aluno, por conta das crises, é uma realidade constatada, perguntamos se o professor acredita que esse fato pode repercutir no rendimento escolar desses estudantes e 100,0% respondeu que sim (Tabela 14).

Tabela 14 - Absenteísmo e as repercussões no rendimento escolar

O NÚMERO ELEVADO DE FALTAS DESSE ALUNO, POR CONTA DAS CRISES, É UMA REALIDADE CONSTATADA. VOCÊ ACREDITA QUE ESSE FATO PODE REPERCUTIR NO RENDIMENTO ESCOLAR DESSES ESTUDANTES?		
	Número de Professores	%
Não	0	0%
Sim	12	100%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Há ações pedagógicas desenvolvidas no retorno pós-criSES dos estudantes falcêmicos, a exemplo da realização de segunda chamada das avaliações visto que o mesmo não pôde estar presente. Também foram realizadas atividades em espaços não formais de educação (casa e hospitais), mostrando um direito do aluno sendo cumprido e um olhar sensível do docente frente à situação. Entretanto as causas do absenteísmo na maioria das vezes não são conhecidas, pelo professor que pode ter uma visão equivocada frente a esse aluno, que no seu retorno da crise é considerado como sadio, “normal”, mas também como aquele que não quer ou não gosta de estudar. (CASTRO, 2014).

No último questionamento, perguntamos aos professores se eles acreditam que os (as) alunos (as) com doença falciforme podem ser vítimas de bullying devido as manifestações clínicas, e o que fariam caso isso acontecesse na turma dele. Dos 12 professores investigados, seis (06) marcaram que trabalhariam a empatia em sala de aula com todos e perguntariam como a turma acha que um colega se sente, sendo vítima de bullying, outros cinco (05) incentivariam a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas e o último professor pontuou que chamaria o aluno para uma conversa reservada e explicaria que é errado o bullying (Tabela 15).

Tabela 15 - Ações pedagógicas em caso de bullying aos alunos com AF

VOCÊ ACREDITA QUE OS (AS) ALUNOS (AS) COM DOENÇA FALCIFORME PODEM SER VÍTIMAS DE BULLYING DEVIDO AS MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS, A EXEMPLO DE: FRACO, AMARELO, MAGRELO... O QUE VOCÊ FARIA CASO ISSO ACONTECESSE NA SUA TURMA?		
	Número de Professores	%
Chamaria o aluno para uma conversa reservada e explicaria que é errado o bullying	1	8,33%
Trabalharia a empatia em sala de aula com todos e perguntaria como a turma acha que um colega se sente, sendo vítima de bullying	6	50,00%
Incentivaria a solidariedade, a generosidade o respeito às diferenças por meio de conversas	5	41,67%
TOTAL	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Sabe-se que o *bullying* é um problema grave e de saúde pública, é preciso que todos invistam em prevenção, nesse contexto os professores são agentes importantes no sentido de trabalhar as relações no ambiente escolar de forma que promovam relações saudáveis no espaço escolar. (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI e LEVANDOWSKI, 2013).

6 PARA NÃO CONCLUIR...

Pensar numa Escola Inclusiva nos remete à reflexão acerca da importância do conhecimento. É preciso pensar sobre os saberes do professor que atuará nela, pois, ao mesmo tempo em que atua, o educador poderá construir e reconstruir a escola e a si mesmo. (SOUZA, 2013).

Os objetivos perseguidos neste estudo trouxeram a seguinte compreensão: os professores colaboradores são em sua maioria do sexo feminino, com idade que varia entre 25 e 56 anos, todos com formação em nível superior, sendo que a maior parte deles com formação na área de pedagogia, todos são servidores da rede municipal de ensino, sendo atuantes na área em um período que está demarcado entre 5 a 30 anos.

Verificou-se que o conhecimento dos educadores sobre AF é um tanto superficial, pois, muitos desconhecem a doença, enquanto outros têm informações confusas ou distorcidas. Nesse processo, percebe-se que alguns dos colaboradores associam a anemia falciforme com anemia ferropriva, estabelecendo alguns mitos entre causas e efeitos da doença.

Constatou-se que muitos dos educadores que já tinham ouvido falar da doença desconheciam a presença de alunos com AF matriculados em sua turma. Quanto às atividades pedagógicas desenvolvidas pelos mesmos, alguns relataram realizar atividades diagnósticas extraclasse, após momentos de crises, com objetivo de identificar as dificuldades específicas na assimilação do conhecimento dos conteúdos apresentados, enquanto outro citou realizar segunda chamada para as avaliações, no entanto, percebeu-se o caráter meramente somativo e não inclusivo das atividades, o que reforça que o desconhecimento sobre as especificidades da doença e também das características individuais do aluno comprometem o desenvolvimento escolar do educando com AF. Nesse sentido, o professor precisa atentar-se às necessidades e peculiaridade de cada discente com AF a fim de promover atividades que proporcionem maior desenvolvimento dos sujeitos com a citada doença.

Os dados encontrados neste estudo alertam para a necessidade de ações por parte dos gestores das unidades escolares de buscarem cursos de formação continuada para o corpo docente para que possam atender de forma satisfatória os discentes que convivem com anemia falciforme, em regiões de elevado número de casos, como é o caso da região nordeste, em especial a Bahia. Alertam também para a importância de o docente buscar uma prática pautada na reflexão-ação reflexão (CHARLOT, 2008). Nessa direção, cabe lembrar que muitos professores afirmaram que desconhecem o material da ANVISA, o que é uma falha da escola, pois o documento oferece subsídio ao professor sobre a doença falciforme.

A doença falciforme pode ajudar a compor as diferenças que habitam a escola. Nesse contexto, viu-se que embora um número significativo de professores afirme conhecer aspectos da doença, os docentes, sujeito-colaboradores desse estudo, não estão bem informados quanto à situação do adoecimento crônico do seu aluno. Isso mostra que é necessário mais estudos e pesquisas, diálogo e partilha de informações entre os pares dentro da escola, bem como, que haja mais comunicação entre família e escola.

O trabalho trouxe grandes contribuições na formação destes alunos-pesquisadores, principalmente pelo aprendizado obtido sobre a doença aqui estudada, bem como por entender que a atuação

docente deve acontecer de forma positiva e reflexiva para que venha contribuir significativamente com os conhecimentos dos educandos que convivem com a AF.

Também não se pode deixar de registrar as dificuldades encontradas em um período de tanta turbulência nesse país, bem como nas Instituições de ensino que precisaram rever suas práticas durante os anos de 2020 e nesse ano corrente, por conta da pandemia. Assim, a metodologia do estudo precisou adequar-se às dificuldades impostas por esse tempo, no qual aconteceu a pesquisa.

Espera-se que o desenvolvimento da investigação, tal como fora apresentada, possa contribuir para a sensibilização dos gestores municipais sobre a importância dos profissionais da área de educação e a importância de mantê-los em formação continuada. Esses profissionais poderão auxiliar diariamente nas respectivas salas de aulas como mediador e profissional reflexivo, atuando positivamente com a formação dos educandos que convivem com a AF.

Entende-se que esse é o início de um caminho aberto a outras buscas e à novas interpretações possíveis.

7 REFERÊNCIAS

Agência Nacional De Vigilância Sanitária – ANVISA. Manual de Diagnóstico e Tratamento de Doenças Falciformes. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anvisa/diagnostico.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.

Agência Nacional De Vigilância Sanitária – ANVISA. Manual do Professor. Brasília, DF. 1996. 4 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anvisa/professor.pdf>. Acesso em: 17 fev. de 2019.

BARROS, A. S. S.; et al. O impacto da anemia falciforme nas trajetórias escolares de estudantes brasileiros afetados pela doença: diálogos com os temas da Educação Especial. 2009. Trabalho apresentado ao I Congresso Internacional Família, Escola e Sociedade “Educação Especial”, Porto, Portugal, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8849/1/EDUCARE%20lecture%20-%20Alessandra%20Barros.pdf>. Acesso em: 08 maio 2020.

BATISTA, Tatiana Franco. Con(vivendo) com a anemia falciforme: o olhar da enfermagem para o cotidiano de adolescentes. Salvador: EEUFBA, 2008. 105 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) EEUFBA, 2008. Disponível em: <http://www.ccadoentescola.faced.ufba.br/arquivos/tatianafancobatista.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar e de Urgência. Doença falciforme: o que se deve saber sobre herança genética / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Hospitalar e de Urgência – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doenca_falciforme_deve_saber_sobre_heranca.pdf. Acesso em: 02 out. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. MEC/SEESP/DF, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de educação em saúde: Volume 2: linha de cuidado em doença falciforme. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009b. Disponível em: https://www.nupad.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/2016/12/Linha_de_CuidadoDF_Manual_MS.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013. 36 p. Disponível em: http://telessaude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Anexo03_web_pop_negra.pdf. Acesso em: 08 out. 2019.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afro-descendente. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_eticas.pdf. Acesso em: 02 out. 2019.

BRITO, Neusa de. A Vivência na Escola: Percepção de professores e alunos sobre a doença falciforme. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013. Disponível em: http://ri.ufmt.br/bitstream/1/990/1/DISS_2013_Neusa%20de%20Brito.pdf. Acesso em: 06 mar. 2020.

CANÇADO, R. D. ; JESUS, J. A. A Doença Falciforme no Brasil. Rev. Bras. Hematol. Hemoter. v. 29, nº 3, p. 203-206, jul./set, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbhh/v29n3/v29n3a02.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2019.

CASTRO, Antonilma Santos Almeida. Por uma lua inteira: o processo de reinserção escolar do aluno com anemia falciforme após crise, com foco nas ações pedagógicas. Salvador, 2014. 280 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

CASTRO, Isabel Pimenta Spínola. AVALIAÇÃO DE SISTEMAS COGNITIVOS NA ANEMIA FALCIFORME: ESTUDO COMPARATIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM E SEM INFARTOS CEREBRAIS SILENCIOSOS. Orientador: Prof. Dr. Marcos Borato Viana. 2016. 85 f. Dissertação (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://www.nupad.medicina.ufmg.br/wpcontent/uploads/2016/12/Tese_IsabelCastro.pdf. Acesso em: 02 out. 2019.

CAVALCANTI, Juliana Manzoni; MAIO, Marcos Chor. Entre negros e miscigenados: a anemia e o traço falciforme no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.2, abr./jun.2011. p.377-406. Disponível em: (<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n2/07.pdf>) Acesso em: 24 ago. 2019.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade, salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, dez./2008. Disponível em: http://www.adventista.edu.br/_imagens/asped/files/O%20professor%20na%20sociedade%20contemporanea,%20um%20trabalhador%20da%20contradic%C3%A3o.pdf. Acesso em: 21 ago. 2019.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

DIAS, T. L.; ENUMO, S. R. F. ; FRANÇA, J. A. ; NASCIMENTO, R. C. L. B. A saúde da criança com Doença Falciforme: desempenho escolar e cognitivo. Revista de Educação Pública (UFMT), v. 22, p. 575-594, 2013. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/download/933/734>. Acesso em: 02 out. 2019.

DINIZ, Debora; GUEDES, Cristiano. Anemia Falciforme: Um Problema Nosso. Uma abordagem bioética sobre a nova genética. Cad. Saúde Pública: Rio de Janeiro, vol.19 n.6, p. 1761-1770, Nov./Dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n6/a20v19n6.pdf>, Acesso em: 02 set. 2019.

DINIZ, Debora; GUEDES, Cristiano; TRIVELINO, Alexandra. Educação para a genética em saúde pública: um estudo de caso sobre a anemia falciforme. Ciênc. saúde coletiva. v. 10, n. 2, p. 365-372, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a14v10n2.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FIGUEIRÓ, A.V. M; RIBEIRO, R. L. R. Vivência do preconceito racial e de classe na doença falciforme. Saúde Soc. São Paulo, São Paulo, v.26, n.1, p.8899, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n1/1984-0470-sausoc-26-01-00088.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALIZA NETO, G. C. de; PITOMBEIRA, M. D. S. Aspectos moleculares da anemia falciforme. *J. Bras. Patol. Med. Lab. RiodeJaneiro*, v.39, n.1, p.5156, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpml/v39n1/v39n1a10.pdf>) Acesso em: 24 ago. 2019.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Atlas, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís (2020). *Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social*. Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio (digital). 2020. 32 p. Disponível em: <https://labmetodologia.files.wordpress.com/2020/07/guia-de-pesquisa-na-quarentena.pdf>. Acesso em 11 maio 2021.

LAGUARDIA, Josué. No fio da navalha: anemia falciforme, raça e as implicações no cuidado à saúde. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 243-262, jan./abr./2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a13v14n1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos; *Didática: coleção magistério*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1990. p. 1-258.

MAIA, V. Q. de O; et al. Conhecimento de educadores sobre doença falciforme nas escolas públicas de Montes Claros – MG. *Revista Médica de Minas Gerais*. Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 290-296, fev./jun, 2013. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/210>. Acesso em: 17 fev. 2019.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf?1473202907>. Acesso em: 08 maio 2020.

MARTINS, Fernanda Adorno. GOOGLE FORMS COMO FERRAMENTA DE APOIO: EXPERIÊNCIA DOCENTE EM MEIO A PANDEMIA CORONA VÍRUS. Congresso Internacional de Educação e Tecnologia. Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância. 2020. 8p. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1106/1117>. Acesso em 12 maio 2021.

MILITÃO, S. C. N. Formação do professor reflexivo no Brasil: para além do conceito. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*: ISSN 1678-300X, SÃO PAULO, v. 2, n. 4, p. 1-7, jul./2004. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wQ1aXftOD7vN5la_2013-6-27-16-50-42.pdf. Acesso em: 27 ago. 2019.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MURAO, Mitiko; FERRAZ, M. H. C. Traço falciforme: heterozigose para hemoglobina S. *Rev. Bras. Hematol. Hemoter.* São José do Rio Preto, v. 29, n. 3, p. 223-225, jul/set./2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbhh/v29n3/v29n3a06.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

NONOSE, E. R. S. *Doenças crônicas na escola: um estudo das necessidades dos alunos*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista, UNESP. Marília, 2009.

NONOSE, E. R. S.; BRAGA, T. M. S. Formação do professor para atuar com saúde/doença na escola. In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE 3., 2008. Curitiba. Anais eletrônicos. p. 3656-3667. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/407_455.pdf. Acesso em: 24 mar. 2020.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 jun. 2021.

PIMENTA, S. G e GHEDIN, E. (org.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 1-224.

PIMENTA, S. G e LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis*. Vol. 3, Números 3e4, pp.524,2005/2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/viewFile/10542/7012>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? (<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/839/845>) Acesso em: 24 ago. 2019.

SALVADOR. Secretaria Municipal de Saúde de Salvador. Associação Baiana das Pessoas com Doença Falciforme – ABADFAL. *Doença Falciforme: A importância da Escola*. Salvador, p. 1-17, ago./2014. Disponível em: http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/df_importanciaescola.pdf. Acesso em: 09 ago. 2019.

SANTOS, Vanessa Sardinhas. "O que é alelo?"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-alelo.htm>. Acesso em 14 de maio de 2021.

SOUZA, Denise Silva de. PERCEPÇÃO DE PROFESSORES ACERCA DA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM ANEMIA FACILFORME EM SALVADOR-BAHIA. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17362/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20VERS%c3%83O%20IMPRESS%c3%83O.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2020.

UNESCO. *Declaração de Salamanca: sobre princípio política e prática em educação especial. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade*. Salamanca, ES. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 02 Out. 2019

NOTAS

¹ É um questionário produzido de forma gratuita e on-line, através do Google Forms. O usuário pode produzir e enviar por e-mail ou link pesquisas de múltipla escolha, testes com questões discursivas, solicitação de avaliações em escala numérica, entre outras opções. A ferramenta é ideal para quem precisa obter feedbacks sobre algo, organizar inscrições para eventos ou realizar provas à distância, por exemplo. A plataforma conta com uma galeria com uma infinidade de modelos prontos que podem ser editados e usados como exemplo.

² Globina (do latim globus, globo) é uma família de proteínas globulares que contém um grupo heme, capazes de transportar oxigênio e outros gases.

³ Alelo é uma das formas variantes de um gene num determinado locus, diferentes alelos produzem variações nas características herdadas.

⁴ Na genética, são indivíduos que apresentam pares de genes alelos diferentes.

⁵ Cf. introdução.

⁶ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em Word e PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet

⁷ Foi disponibilizado a opção de mais de uma resposta nessa questão, por isso, obteve-se um total de 32 respostas.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A ANEMIA FALCIFORME: UM OLHAR PARA AS ESCOLAS DE ITABERABA-BAHIA

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC – CAMPUS XIII – Itaberaba – Bahia

Colegiado de Pedagogia
Pesquisa Virtual TCC

Prezados (as)

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “O conhecimento docente sobre a Anemia Falciforme: um olhar para as escolas de Itaberaba-Bahia”. Esta pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), da Licenciatura em Pedagogia ofertada no Departamento de Educação - Campus XIII - da Universidade do Estado da Bahia. O mesmo trabalho tem como objetivo investigar no ambiente escolar, o que professores das escolas do município de Itaberaba, sabem sobre a doença.

Por favor, leia com atenção o termo abaixo e, se concordar em participar, dê sua autorização no final.

Agradecemos antecipadamente.

Deuzete da Assunção Tosta de Braga e José Teixeira Neto
Graduandos Pesquisadores

***Obrigatório**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DO ESTUDO:

1. Tema da Pesquisa: “O conhecimento docente sobre a Anemia Falciforme: um olhar para as escolas de Itaberaba-Bahia”.
2. Orientador/Matrícula: Edinalma Rosa Oliveira Bastos – Matrícula - 74425706-0
3. Discentes Pesquisadores/Matrícula: Deuzete da Assunção Tosta de Braga – Matrícula – 161610086; José Teixeira Neto – Matrícula – 161610042.

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “O conhecimento docente sobre a Anemia Falciforme: um olhar para as escolas de Itaberaba-Bahia”. Esta pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), da Licenciatura em Pedagogia ofertada no Departamento de

município de Itaberaba, sabem sobre a doença Anemia Falciforme. A realização de tal atividade certamente impactará e enriquecerá a formação dos graduandos em Pedagogia por fazer do TCC espaço de consolidação do profissional da educação como pesquisador.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o (a) senhor (a) não será identificado (a). Caso queira, o participante poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para a sua relação com os pesquisadores ou com a instituição. Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pelo (a) docente e discentes acima referidos e, caso queira, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato também com o Colegiado de Pedagogia do Departamento de Educação /DEDC XIII da Universidade do Estado da Bahia. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo no qual consta o contato dos pesquisadores, com os quais poderá dirimir dúvidas a qualquer momento.

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:

Edinalma Rosa Oliveira Bastos, (Orientadora) Endereço: Avenida Luiz Viana Filho, S/N, Bairro Batalhão, Itaberaba/Ba.

Telefone: (75) 3251 1710, E-mail: nalmabastos@gmail.com

GRADUANDOS PESQUISADORES:

Deuzete da Assunção Tosta de Braga.

Telefone de contato: (75) 99177-0276 e-mail: deuzatosta@hotmail.com

José Teixeira Neto

Telefone de contato: (75) 99172-6267 e-mail: nettoneto@hotmail.com

DECLARAÇÃO:

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito da pesquisa. Assim, ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a participação é isenta de despesas.

Após ler cuidadosamente as informações acima, declaro que:

() Concordo voluntariamente em participar da pesquisa

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Questionário

Nome: _____

1ª) Qual a sua Idade?

- a) De 18 a 25 anos
- b) De 26 a 30 anos
- c) De 31 a 35 anos
- d) De 36 a 40 anos
- e) De 41 a 45 anos
- f) De 46 a 50 anos
- g) De 51 a 55 anos
- h) De 56 Acima

2ª) Gênero: Feminino Masculino Outros _____

3ª) Há quanto tempo atua como educador?

- a) De 1 a 5 anos
- b) De 6 a 10 anos
- c) De 11 a 15 anos
- d) De 16 a 20 anos
- e) De 21 a 25 anos
- f) De 26 a 30 anos
- g) De 31 Acima

4ª) Qual a sua Formação Acadêmica:

- | | |
|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Pedagogia | <input type="checkbox"/> Letras |
| <input type="checkbox"/> Matemática | <input type="checkbox"/> Biologia |
| <input type="checkbox"/> Química | <input type="checkbox"/> História |
| <input type="checkbox"/> Geografia | <input type="checkbox"/> Educação Física |
| <input type="checkbox"/> Física | <input type="checkbox"/> Outros _____ |

5ª) Possui Pós-graduação?

Não () Sim ()

6ª) Se sim em qual área_____

7ª) Você é servidor (a) da rede:

() Pública Municipal () Pública Estadual
 () Privada () Pública Federal
 () outras_____

8ª) Para qual segmento você leciona?

() Educação Infantil () Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II ()
 Ensino Médio () EJA

9ª) Você já participou de algum curso, ou atividade relacionada à formação continuada com a temática doença falciforme?

Não () Sim ()

10ª) Independentemente da participação em algum evento voltado para esse tema, você tem algum conhecimento sobre a anemia falciforme ou doença falciforme?

Não () Sim ()

11ª) Em caso positivo, o que sabe sobre esse assunto?

12ª) Conhece algumas manifestações clínicas da doença?

Não () Sim ()

13ª) Se sim, quais?

14ª) Se você já teve algum aluno com anemia falciforme como teve acesso ao diagnóstico?

() Através da direção/coordenação da escola.

() Através da família/parente.

() Através de conversas informais com amigos e/ou pessoas que conhecem o estudante

() Não tive acesso ao diagnóstico.

() Nunca tive aluno com anemia falciforme.

15ª) No seu entender, existe cura para a doença/anemia falciforme?

Não () Sim ()

16ª) Sua formação lhe permite tratar sobre a temática saúde em sala de aula?

Não () Sim ()

17ª) Você conhece o material construído pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)? que oferece subsídio ao professor sobre a doença falciforme?

Não () Sim ()

18ª) Se você conhece o material da ANVISA, avalia que as informações estão, ou não, claras, elaboradas de forma simples e objetivas, ou seja, o documento traz informações básicas importantes para o professor que lida ou vai lidar com o aluno com DF?

Não () Sim ()

19ª) Se algum estudante com a referida doença já esteve na sua turma, que ações pedagógicas foram desenvolvidas no retorno, após a crise?

() Solicitei ao aluno que ao retornar copie todo conteúdo de um colega que tenha feito.

() Ofertei aulas exclusivas dos assuntos perdidos, quando o mesmo retornou.

() Entrei em contato com a direção da escola quando percebi a descontinuidade do aluno na aula.

- Realizei segunda chamada das avaliações que o mesmo não pôde estar presente.
- Realizei atividades em espaços não formais de educação (casa e hospitais).
- Não alterei a rotina da sala de aula.
- Outro:

20ª) Se você tem um aluno na turma com DF e percebe que ele apresenta algum comportamento como apatia, moleza, distanciamento dos colegas e das atividades propostas, o que faz? (Marque quantas respostas achar necessário)

- Investigo o que há por trás da desmotivação.
- Acolho, faço com que ele se sinta bem-vindo.
- Ajudo a aumentar a autoestima do aluno, recompensando o comportamento positivo em vez de apenas criticá-lo.
- Realizo um atendimento diferenciado, trazendo-o para o centro da conversa com os colegas.
- Busco as características especiais e tento adaptar respeitando o seu ritmo, para o desenvolvimento das suas potencialidades.
- Não faço nada, deixo ele à vontade
- Encaminho para a direção tomar as devidas providências

21ª) O número elevado de faltas desse aluno, por conta das crises, é uma realidade constatada. Você acredita que esse fato pode repercutir no rendimento escolar desses estudantes?

Não Sim

22ª) Você acredita que os (as) alunos (as) com doença falciforme podem ser vítimas de bullying devido as manifestações clínicas, a exemplo de: FRACO, AMARELO, MAGRELO.... O que você faria caso isso acontecesse na sua turma?

- Levaria o autor do bullying para a direção
- Chamaria o aluno para uma conversa reservada e explicaria que é errado o bullying
- Trabalharia a empatia em sala de aula com todos e perguntaria como a turma acha que um colega se sente, sendo vítima de bullying.
- Incentivaria a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas.
- Não faria nada, pois crianças em sala costumam brincar de várias formas.
- Outro:



EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Deuzete da Assunção Tosta de Braga
José Teixeira Neto



conhecimentolivre.org/home



contato@conhecimentolivre.org



[editoraconhecimentolivre](https://www.instagram.com/editoraconhecimentolivre)

O CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE A ANEMIA FALCIFORME UM OLHAR PARA AS ESCOLAS DE ITABERABA-BAHIA